



Uma colecção egípcia inédita no Museu Nogueira da Silva

Ronaldo G. Gurgel Pereira*

Em Maio de 2013, como parte de meu projecto de pós-doutoramento, visitei o Museu Nogueira da Silva, para conhecer peças egípcias descritas pela Dr.a Maria Helena Trindade como nunca antes estudadas. Foi uma surpresa descobrir que essas peças nem sequer haviam sido expostas ainda, mantidas em segurança na reserva técnica.

Visitar um museu e descobrir artefactos egípcios até então intocados é algo tão emocionante quanto encontrar novos artefactos em um sítio arqueológico – pois, guardando-se as devidas proporções são casos igualmente entendidos como trabalhos de campo. Dito isso, posso tentar expressar minha gratidão pelo convite feito para esse pequeno artigo, que finalmente dará voz a esse testemunho da antiga civilização egípcia em Braga, e permitirá ao Museu Nogueira da Silva a felicidade de expandir o tamanho oficial do acervo egípcio existente em Portugal.

* Doutor em Egiptologia (PHD), pela Universität Basel. Actualmente colabora com o Instituto Oriental/CEAUCP da Universidade Nova de Lisboa em actividades de pós-doutoramento que incluem a docência para a gramática egípcia clássica em cursos de graduação em História e pós-graduação em Egiptologia. Ronaldo.gurgel@yahoo.de

Essa colecção consiste de três figuras: duas estatuetas funerárias “chabtis” e um pequeno amuleto zoo antropomórfico dedicado ao deus Amun (ou Amon, Amen). Essas peças foram doadas ao museu em testamento pelo empresário e coleccionador António Augusto Nogueira da Silva, em 1975. Desse modo, elas também estão intimamente ligadas tanto à fundação do museu como da própria memória da Universidade do Minho.

Sabe-se que as três peças foram adquiridas pelo Sr. Nogueira da Silva por intermédio de seu assistente, professor Gomes da Costa, em 1968 em um leilão onde também arrematou-se uma pequena lista de itens oriundos da China. A descrição desses itens nessa lista de aquisições é a única fonte escrita existente descrevendo as peças egípcias até então. Em adição a isso, pequenas fichas de registo incluem medições e fotografias.

Segue-se então uma pequena lista descritiva dos artefactos aqui apresentados:

- Amuleto zoo antropomórfico de Amun em faiança
- Chabti em pedra verde escura (possivelmente serpentina)
- Chabti anepígrafo em faiança azul

1

Amuleto zoo antropomórfico do deus Amun

Inventário Geral 416; Registo Classificado DIV-86

Comprimento: 2,5 cm / Largura: 1,7 cm / Altura: 8,2 cm

Material: faiança verde

Datação: Época Baixa (ca. 664-332 a.C.)

Origem: desconhecida

Proveniência: colecção de Nogueira da Silva

Essa peça estava inventariada como: “Divindade verde “Osíris”, A.C. (Antes de Cristo)” (sic). Na verdade trata-se de um amuleto dedicado ao deus Amun.

Amuletos são pequenos objectos que podiam integrar o vestuário, ou mesmo carregados como talismãs pessoais, ou dedicados a alguma divindade como oferenda. A função básica do amuleto é conferir protecção mágica àquele que o possui. No Egipto, os amuletos quotidianos podiam integrar colares, bra-



celetes e anéis. Amuletos eram também elementos fundamentais da religião funerária egípcia. Esses objectos eram posicionados em meio às bandagens que envolviam a múmia, e visavam auxiliar magicamente a prosperidade do defunto em sua pós-vida.

A magia do amuleto funciona essencialmente por simpatia (gr. *sympatheia*). Assim sendo, símbolos e alusões a divindades conferem ao proprietário do amuleto os poderes atribuídos àquela divindade representada. A partir do Reino Médio (ca. 2055-1650 a.C.) começaram a fazer reproduções de divindades.

O deus Amun, natural da região de Tebas permaneceu uma divindade local até o final da XI dinastia (ca. 2055-1985 a.C.). A partir da XII dinastia (ca. 1985-1773 a.C.), Tebas tornou-se a capital do reino e a popularidade de Amun passou por um longo processo de expansão, atestado pela construção de templos por todo o território egípcio ao longo do Reino Novo.

Após a conquista da Núbia, representações de Amun como um homem com a cabeça de carneiro passaram a tornar-se comuns. Esse deus era particularmente popular entre os núbios, que o representavam sob a forma de um carneiro. O poder dos sacerdotes de Amun permaneceu incontestado no Egito até o saque de Tebas pelo exército assírio no século VII a.C. A partir de então sua influência declinou substancialmente, embora ele ainda fosse popular durante o período romano e, inclusive, mencionado em textos mágicos coptas, já na era cristã.

O exemplar estudado data certamente da Época Baixa (ca. 664-332 a.C.). A partir desse período tornou-se popular o uso de faiança como matéria-prima para o equipamento funerário, joalheira, etc. A técnica e estilo artístico demonstram uma excelência característica do período.

Amun está de pé, com os braços rijos e caídos ao lado do torso. Seu pé esquerdo encontra-se adiantado em posição de marcha. O deus está descalço e de peito nu e umbigo à mostra. Ele traja um saiote curto plissado e uma peruca tripartida também plissada. Seu rosto está muito bem detalhado: narinas chifres e olhos bastante nítidos. A ponta do chifre esquerdo danificou-se e está ausente da peça.

A figura possui um pilar dorsal, onde um furo transversal à altura do final da peruca sugere que o amuleto podia ficar pendurado por um fio. O pilar dorsal é esculpido de tal maneira que parece encaixar-se à peruca por trás, em sobreposição a ela. Não há inscrições nessa peça.

2

Chabti de Iri-iri-ia

Inventário Geral 418; Registo Classificado DIV-88

Comprimento: 5, 6 cm / Largura: 3, 7 cm / Altura: 16, 0 cm

Material: pedra verde escura (possivelmente serpentina)

Datação: Reino Novo – XIX dinastia (ca. 1295-1186 a.C.)

Origem: desconhecida

Proveniência: colecção de Nogueira da Silva

Essa estatueta estava inventariada como: “Divindade em pedra jadaíde, pré-ptolemaico (egípcio) A.C. (Antes de Cristo)” (sic). Trata-se de uma figura funerária geralmente denominada chabti (ou ainda, uchabti, chauabti; incluindo diversas variações de escrita e pronúncia). Tais variantes derivam do facto de que a época em que as figuras são confeccionadas afectam o nome pelo qual trata-las. Por uma questão de simplificação, geralmente tratam-nas apenas como chabtis.

As estatuetas chabti são parte integrante do equipamento funerário egípcio desde o Reino Médio e permaneceram como tal até o final do período ptolemaico (332-30 a.C.), quase dois mil anos depois. Os chabtis variam drasticamente em dimensões, material, decoração e quantidade a ser encontrada em um dado túmulo. De acordo com o período essas figuras poderiam ocupar todo o piso ao redor do sarcófago, ou serem armazenados em caixas especiais.

O chabti é um testemunho da emblemática preocupação egípcia com o pós-vida. Essas figuras humanóides e mumiformes possivelmente evoluíram de modelos que decoravam o túmulo do defunto a partir do Primeiro Período Intermédio (ca. 2160-2055 a.C.). Esses modelos representavam actividades quotidianas, como a manufactura de pão e cerveja, lides do campo e outras tantas situações que garantiriam ao defunto a continuidade de sua prosperidade após sua morte. À semelhança desses modelos anteriores, o chabti é essencialmente um servo que acompanha seu senhor para realizar todas as tarefas que poderiam ser requisitadas ao defunto.

A partir do Reino Novo (ca.1550-1069 a.C.), os chabtis passaram a ser equipados com uma combinação variada de utensílios e ferramentas agrícolas como

jarras de água, moldes de tijolo, o alvião, o arado e uma cesta para transporte de sementes, o chabti estava devidamente equipado para substituir seu mestre em qualquer situação.

As inscrições de um chabti variavam imensamente. O capítulo XXV do Livro dos Mortos é uma referência constante. Nesse tipo de inscrição, o nome do defunto é escrito na figura para que o defunto lembre-se de sua identidade no pós-vida. Há ainda o muito popular capítulo VI do Livro dos Mortos, chamado de “Feitiço do Uchabti”, que traz uma evocação para obrigar a figura a assumir a responsabilidade por todas as tarefas braçais que porventura possam surgir no outro mundo.

Acredita-se que os chabtis eram preparados em oficinas anexas aos templos e palácios egípcios. Oficinas particulares também podem ter existido, principalmente em épocas mais tardias. Apesar dessas figuras serem muito comuns, principalmente em decorrência da quantidade empregada em cada túmulo, o facto é que apenas a realeza e os membros mais altos da hierarquia social incluíam os chabtis no equipamento funerário, uma vez que o material empregado em sua confecção era muito caro.

No início da XIX dinastia (ca. 1295-1186 a.C.) os chabtis passaram a contar com uma peruca especial, bipartida. Nessa mesma época, as figuras passaram a ser armazenadas em caixas de madeira ou potes de cerâmica.

O chabti aqui estudado é feito de uma pedra “macia”, escura e esverdeada. A matéria-prima normalmente empregada para a confecção de chabtis de pedra que melhor se enquadra desse perfil é a serpentina. Há uma linha percorrendo a metade da peça denunciando que a peça fora partida em algum momento. Essa linha atravessa a peça perpendicularmente, rodeando a peça acima da linha da cintura.

A figura mumiforme porta uma peruca bipartida, ou “dupla”, típica do Reino Novo e um colar honorífico “usekh” (um distintivo do funcionalismo público egípcio). Os dois braços do chabti estão bem definidos e cruzam-se sobre os pulsos à altura do peito. Ambas as mãos portam um arado cada. O pulso direito é decorado com uma pulseira. Sobre o ombro direito vai às costas uma cesta de sementes.



Essa figura apresenta uma estranha característica em sua base. Trata-se de um pino esculpido na estatueta e que indica que esta seria incorporada a alguma base ou suporte. É possível também que esse chabti na realidade estivesse integrado a algum equipamento funerário maior que perdeu-se. Uma outra possibilidade a se considerar é que esse chabti ficasse preso a algum suporte próprio para essas figuras, dentro do túmulo. Tenhamos em conta que essas estatuetas também podiam ser posicionadas em pequenos nichos nas paredes do túmulo. De qualquer modo, o pino pronunciado abaixo da base da figura torna a peça no mínimo incomum.

3

Chabti anepígrafo

Inventário Geral 417; Registo Classificado DIV-87

Comprimento: 5,3 cm / Largura: 4,0 cm / Altura: 14,0 cm

Material: faiança azul

Datação: Período Ptolemaico (332 -30 a.C.)

Origem: desconhecida

Proveniência: colecção de Nogueira da Silva

A partir da Época Baixa as estatuetas chabti passaram a ser muito frequentemente confeccionadas em faiança verde ou azul. Essas figuras passaram a ser construídas por meio de moldes ricamente detalhados. Foi no início desse período que os chabtis passaram a contar com um pilar dorsal e uma base em forma de trapézio. A inclusão da barba osírfaca no rosto das figuras também teve início nessa época.

Os cânones artísticos criados durante a Época Baixa mantiveram-se obedecidos ao longo do período ptolemaico (332-30 a.C.). No que diz respeito aos chabtis, as estatuetas ptolemaicas são normalmente anepigráficas, ou apresentam erros em suas inscrições. A estética é a princípio a mesma da Época Baixa, mas há uma sensível perda de qualidade.



O exemplar estudado possui uma densa cobertura de faiança azul. A faiança tornou os traços do rosto pouco nítidos, colaborando para datarmos a peça como ptolemaica. O tom azul da faiança é ainda bastante intenso, dando um vívido testemunho da aparência original da peça.

O chabti possui uma peruca tripartida. A barba osíriaca, olhos, nariz, boca e orelhas estão presentes, mas pouco nítidas. Percebe-se apenas as mãos dos braços cruzados sobre o peito. Cada mão porta um arado e sobre o ombro esquerdo vai às costas uma cesta de sementes. O pilar dorsal inicia-se imediatamente após o final da peruca.

A bela camada de azul-turquesa da faiança possui um sinal de deterioração sob a forma de pequenos orifícios similares a bolhas que recobrem cabeça, peito e pernas da figura. Na parte de trás essa deterioração assume um aspecto mais agressivo e a faiança apresenta perda de material em pontos do pilar dorsal.

Apêndice

Cronologia egípcia mencionada no artigo³		
Primeiro Período Intermédio	IX e X dinastias	2160-2055 a.C.
Reino Médio	XI a XIV dinastias	2055-1650 a.C.
Segundo Período Intermédio	XV a XVII dinastias	1650-1550 a.C.
Reino Novo	XVIII a XX dinastias	1550-1069 a.C.
Terceiro Período Intermédio	XXI a XXV dinastias	1069-664 a.C.
Época Baixa	XXVI a XXX dinastias	664-332 a.C.
Período Ptolemaico	---	332-30 a.C.
Período Romano	---	30 a.C.-395 d.C.
Período Copta ou Bizantino (ou Cristão)	---	395 d.C.-642 d.C.

Notas

¹ Ver: Ranke PN I 6, 1; 42, 20.

² Acerca dessa terminação “ia”, ver: Ranke PN 2, pp. 141-142.

³ Segundo a cronologia proposta em: SHAW, pp. 480-489. Os períodos sombreados identificam a relação directa com peças do acervo do museu. Todas as datas anteriores ao ano 525 a.C. são aproximações.

Bibliografia

ANDREWS, Carol. *Amulets of Ancient Egypt*. Austin: University of Texas Press, 1998.

BONNET, Hans. “Amun” in: *Lexikon der ägyptischen Religionsgeschichte*, Hamburg: Nikol. 2005, pp. 31-37.

HANNIG, Rainer. *Grosses Handwörterbuch Ägyptisch-Deutsch – Marburger Edition*. Mainz: Philipp von Zabern, 2006.

JANES, Glenn. *Shabtis: a private view*. Paris: Cybele, 2002.

RANKE, Herman. *Die ägyptischen Personennamen Bds. I-II*. Glückstadt / New York: J. J. Augustin, 1935/ 1952.

SHAW, Ian (ed). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

STEWART, Harry H. *Egyptian Shabtis – Shire Egyptology*. Princes Risborough: Shire Publications, 1995.

VALENÇA, César. “História Breve do Museu Nogueira da Silva” in: FORUM 17, Janeiro de 1995, Braga, pp. 25-31.